



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo
Memorial de Projeto Final

ESTAMOS AQUI

Histórias das vítimas de conflito no leste africano

Autora: Jéssica Paula Prego

Orientador: Sérgio de Sá

Brasília (DF), 2014

JÉSSICA PAULA PREGO

ESTAMOS AQUI

Histórias das vítimas de conflito no leste africano

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade de Brasília
como requisito parcial para obtenção do
título de bacharel em Comunicação Social
com habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá
Orientador

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago (membro)
Examinador

Prof. Me. Gabriela Freitas (membro)
Examinadora

Prof. Dr. Fernando Oiveira Paulino (suplente)
Examinador

Brasília (DF), _____ de junho de 2014

Se não puder mudar o mundo, conte sobre isso.

Provérbio Eritrês

Agradecimentos

A Deus por colocar anjos em cada esquina de terra africana. E por aqueles que estão fora da África também.

À minha mãe por nunca tentar me impedir de seguir meus sonhos (ainda que com algumas ressalvas). Por cada centavo que me enviou para que esse projeto acontecesse. E pelas velas acesas, graça a seu medo de avião, a cada voo que eu pegava.

À Thailyne Gazzetta por cada crédito depositado no skype, pela passagem que comprou de Uganda para Etiópia, por me ligar de madrugada só pra saber se eu estava bem, pelas noites perdidas por culpa da minha malária, por dizer, ainda que eu não acreditasse, que esse livro iria sim ficar pronto. Por me amar. Você está em cada linha deste livro.

À Larissa Barreto, pelo apoio evidente ao me emprestar sua própria câmera, mesmo sabendo que eu iria até o interior africano.

A Fábio Pinto e Euclides Neto por me abrigarem durante parte do meu intercâmbio na cidade de Madri, e incentivar este projeto. A Euclides Neto pelo convívio também na Espanha, pelas conversas “edificantes” e por me ajudar, inclusive, a comprar a passagem para a África.

À Carolina Pereira e Victor Zaiden pela amizade e por abrirem brechas em seus horários para fazerem com que o dinheiro que minha mãe lhes enviava chegasse até mim, através de bancos internacionais que só existem nas capitais do Brasil.

A Victor Zaiden por dez anos de amizade. Metade deles, construindo o sonho de entrar na Universidade de Brasília. Outra metade, vivendo eles.

Ao orientador, Sérgio de Sá, pela confiança em meu trabalho, pelas referências, dicas, além, é claro, pelas boas conversas. E também muito obrigada pela paciência.

Aos professores Gabriela Freitas e Paulo Paniago, os ensinamentos de ambos estão evidentes neste livro.

À amiga Ellen Rocha pelo belíssimo trabalho na capa e diagramação das páginas do livro. Sua dedicação e conhecimento foram essenciais para que este projeto ficasse pronto.

Aos ensinamentos de cada personagem. As histórias do livro dizem o porquê.

Resumo

Este projeto se trata de um livro-reportagem sobre as vítimas de conflitos étnicos no leste africano. Baseado em uma experiência de dois meses de viagem pela Etiópia, Sudão, Sudão do Sul e Uganda, o livro busca contar histórias de pessoas que viram e viveram os intensos conflitos da região. Deste modo, o produto intercala a narrativa dos personagens com a experiência da repórter, deixando claro que é um relato baseado em uma viagem, e não tem intenção de dizer o que é certo, muito menos de estabelecer uma visão sobre o que é a África e esses países. Além disso, fotografias compõem a narrativa, mostrando os verdadeiros personagens e cenários dessa reportagem.

Palavras-chave: refugiados, África, conflito, livro, reportagem, viagem, leste africano.

Sumário

1. Apresentação.....	07
2. Objetivo.....	10
3. Justificativa.....	11
3.1 Do tema.....	11
3.2 Do produto.....	11
4. Referencial Teórico.....	13
4.1 Números.....	13
4.2 Conflitos na África.....	14
4.3 O livro-reportagem.....	16
4.4 Linguagem.....	18
4.5 Fotojornalismo.....	20
5. Metodologia.....	23
5.1 Do pré-projeto.....	23
5.1.1 Concepção da ideia.....	23
5.1.2 Condições de pesquisa.....	25
5.2 Da viagem.....	26
5.2.1 Dificuldade de locomoção.....	28
5.2.2 As entrevistas.....	29
5.2.3 As fotografias.....	30
5.3 Dever de casa.....	32
5.3.1 Selecionar histórias.....	32
5.3.2 Confirmar os dados.....	33
5.3.3 Escrever.....	34
5.3.4 Selecionar imagens.....	36
5.3.5 Diagramar.....	37
6. Considerações finais.....	38
7. Referências bibliográficas.....	40
8. Anexos.....	42
8.1 Cronograma.....	42
8.2 Orçamento.....	42

1. Apresentação

Este trabalho se propõe a mostrar a realidade por trás dos números encontrados nos relatórios oficiais da Organização das Nações Unidas (ONU) e das Organizações não Governamentais sobre conflitos nos seguintes países africanos: Sudão, Sudão do Sul e Uganda.

Para isso realizei uma viagem para esses três países, além da Etiópia. Busquei representar, através de personagens marcantes, a realidade de 43 milhões de pessoas, que de forma direta ou indireta foram afetadas pelos intensos conflitos na região.

A necessidade de fazer uma viagem ao local foi o ponto de partida. Escutar os relatos de quem viveu o conflito é o grande diferencial. Do contrário, bastariam telefonemas para as ONGs internacionais, escritórios da ONU e uma árdua pesquisa pelos relatórios oficiais divulgados por essas mesmas instituições. Este projeto, pretende, portanto, ir além, e finalmente colocar relatos pessoais como verdadeiros protagonistas de uma história, até então somente contada através de ofícios e números. Como a escritora Eliane Brum deixa claro no livro *O olho da rua*,

Como repórter e como gente eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar era saber ouvir a resposta... Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos. Mais do que saber perguntar precisamos saber ouvir. (BRUM, 2008, p. 11).

Baseado no ideal de escutar e contar a história de pessoas que não tiveram, até então, oportunidade de dizer o que viveram nos ambientes de conflitos, o livro-reportagem mostrou-se uma excelente alternativa enquanto instrumento narrativo. Além da forma mais livre de escrita, é um meio pelo qual puderam ser expostas imagens fotográficas que também compõem a narrativa.

Os elementos para constituir essas histórias são diversos, de modo que diferentes perspectivas vão de encontro a um mesmo ponto. Informações históricas sobre cada país, curiosidades sobre a formação social de cidades, formação política, religiosa e

econômica. Tudo para que fique claro ao leitor que os conflitos existem por uma série de fatos confluentes e não apenas por ideais, na nossa visão brasileira e ocidentalizada, deturpados.

Esses elementos estão presentes no decorrer da narrativa, de modo que não há um capítulo apenas para separar espaço teórico ou histórico e econômico. Muitas vezes essas informações vêm descritas dentro da própria construção do personagem que, na forma de um ícone, representa grande parte da população do país em questão.

Assim, o fio condutor do livro são as histórias de vida, personagens, lugar, cultura e história que se encaixam, compondo a narrativa. Dessa forma, fica claro que tudo está interligado e que, apesar de suas particularidades, não apenas geográficas, mas que também dizem respeito à visão pessoal de cada personagem, há muitos pontos em comum. Os personagens e lugares, apesar de terem capítulos separados para eles, se entrelaçam. Cada um abre o espaço certo para que o próximo entre.

No primeiro capítulo escolhi narrar de maneira onisciente a invasão de um vilarejo no interior africano. A forma com que essa invasão se passa é a base para entender como a população das cidades e vilarejos são afetadas. É o ponto de partida. As histórias seguintes são variantes desse mesmo processo que aconteceu com o primeiro personagem chamado Pascal. E é fundamental para que se possa entender o que acontece por lá.

Depois de contar tudo o que aconteceu a Pascal até que ele chegasse ao campo de refugiados, o livro busca explicar como é o trajeto para chegar até os campos de refugiados, quais são os desafios encontrados por mim, levando também em conta a deficiência física, durante todo o trajeto.

Por isso, busco deixar claro que utilizo de um par de muletas para caminhar, que sou jovem e que tenho pouco dinheiro para executar essa viagem. É claro que as relações construídas durante a viagem sofreram essas influências. Sendo necessário, portanto, deixar claro ao leitor que tudo faz parte da experiência de uma viagem durante dois meses por esses países.

O livro não tem pretensão, portanto, de ser uma análise definitiva. A vida de cada personagem está em contínua transição que, daqui para frente, não será mais contada por

este mesmo material. A história dos conflitos e suas vítimas ainda está sendo, a cada dia, construída.

A alternância do ponto de vista do narrador faz um jogo fundamental para distinguir os momentos narrativos. Dessa forma, busco narrar para o leitor a mesma história que escutei, narrando em terceira pessoa. Porém utilizo da primeira pessoa, quando me envolvo nos acontecimentos. E dessa maneira é feito um exercício para deixar claro que não desejo ser dona de uma verdade absoluta. Essa é minha verdade. A que vivi. E espero que o leitor a compreenda.

2. Objetivo

O produto é um livro-reportagem que pretende contar histórias das vítimas de conflitos étnicos no leste africano, de maneira que fique claro que a repórter é estrangeira, portanto, com as percepções de alguém que saiu da cultura ocidental. O objetivo é trazer para o “outro lado do mundo” histórias que, apesar de estarem representadas por 43 milhões de vítimas de conflitos naquela região, não aparecem nos jornais.

3. Justificativa

3.1 Do tema

Ao contrário do jornalismo diário convencional, não há um “gancho” que tenha justificado o interesse pelo tema. Normalmente espera-se eclodir uma notícia de destaque, como um assassinato, um conterrâneo desaparecido em outro país, ou o despontar de uma guerra que traga proporções para o mundo de cá. Só então a imprensa dá o devido destaque para esse tipo de problema.

Conflitos nessa região africana simplesmente não são noticiados pela imprensa nacional. E não há motivo melhor para motivar uma reportagem especial. Como eu morava na Europa, percebi que este não é um problema exclusivo da imprensa brasileira. “O que é Sudão? Ah, Sudão do Sul é um país? Mas você vai morrer se for até lá!” São expressões que eu ouvia corriqueiramente.

É necessário mostrar que, apesar de partir do contexto de guerra, não são apenas mortos, armas, tiros e autoridades tentando controlar o caos, ou apenas notícias de jornais e relatórios, vindas de um mundo que parece tão distante que sequer nos comove. Elas são vidas. Não números.

3.2 Do produto

A escolha de um livro-reportagem se deve à liberdade de escrita. Além disso, as histórias que foram colhidas durante dois meses de viagem renderam demasiadas páginas e peso para que coubessem em outras mídias impressas.

Cada personagem tem extrema relevância na composição da história, não apenas deste livro, mas para compor as histórias desconhecidas de seus respectivos países, comunidades, podendo refletir perspectivas de como funciona a dicotômica humanidade em pleno século XXI. É, portanto, amplo. Segundo o conceito utilizado por Eduardo Belo em *Livro-reportagem*,

É possível dizer que o livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas

características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa também a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção narrativa. (BELO, 2006, p. 41).

Além disso, as fotografias também compõem a narrativa. A intenção foi carregá-las de expressividade, durante a leitura de cada capítulo, o personagem protagonista do mesmo, seja um lugar, seja uma pessoa, seja reconhecido nas fotos. Por não serem meramente documentais, e sim transmitirem emoção no olhar, nos traços e na iluminação, elas foram intencionalmente colocadas em tamanho grande.

Desse modo, um livro-reportagem foi escolhido como a melhor maneira de divulgar estas histórias, ambiciosamente, também, tornando-se possível contá-las e divulgá-las para um número maior de pessoas, caso publicado. E, assim, histórias dessa gente que grita “estamos aqui” poderão ser conhecidas.

4. Referencial Teórico

4.1 Números

A ONU possui diferentes órgãos que atendem vítimas de conflitos em todo o mundo. O principal deles é o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur). É este o órgão responsável por gerenciar os campos de refugiados, bem como medidas internacionais e acordos entre países para que outras nações possam dar subsídios aos migrantes que fogem de seus respectivos países por motivos políticos e/ou de conflito.

Na data da viagem, havia três campos de refugiados na região da cidade de Assosa, na Etiópia. Quatro meses depois da viagem, o número de refugiados aumentou exponencialmente. Por conta de uma nova guerra civil que começou e ainda assola o Sudão Sul. Por isso, foi criado um outro campo de refugiados, que não entra neste trabalho.

Os novos números não entrarão em análise, primeiramente, porque no livro são feitos relatos de uma viagem, de modo que a inserção de dados atuais tira o foco da narrativa literária, e pode até mesmo confundir o leitor. Deste modo, é importante que fique claro ao leitor que esses números foram coletados durante a própria viagem.

Dados da Acnur, de junho de 2013, mostram que só nos campos de refugiados de Sherkole e Bambasi havia 22.524 refugiados. Contudo, fora desses campos a soma total de refugiados do Sudão e Sudão do Sul devido à guerra civil separatista, a Acnur calcula em cerca de 500 mil. Ainda segundo a Acnur, o conflito separatista entre Sudão e Sudão do Sul fez 2 milhões de mortos.

O Fundo das Nações Unidas para Infância (Unicef) estima que em todo o mundo existam ao menos 300 mil crianças soldados. A maioria delas, na África. Dentre os países africanos, a Unicef aponta que o Sudão é o país com o maior número de crianças soldados.

Já em Uganda, segundo a ONG Humans Right Watch, Joseph Kony fez, ao todo, mais de 6,6 mil vítimas diretas, desde quando seus ataques começaram. Desse total, 4

mil foram sequestrados, e outros 2,6 mil, mortos. Todos esses números, no entanto, são estimativas.

4.2 Conflitos na África

Falar sobre um modo de vida africano traz uma generalização, que quase sempre gera equívocos, já que se fala em África como se fosse um único país. De toda maneira, os 53 países que compõem o continente tem muitas peculiaridades culturais.

Do ponto de vista dos conflitos não é diferente. Os países vivem conflitos étnicos, possuem como características a forte participação de milícias no cotidiano da população. De modo que a presença de uma guerrilha ou qualquer organização de forças armadas paralelas ao governo é um ponto em comum.

Dessa forma se faz importante entender o significado de algumas palavras relacionadas a este contexto.

Guerra: Na obra *O Direito da Guerra e da Paz*, o jusnaturalista holandês do século XVII, Hugo Grócio, define guerra como sendo “o estado de indivíduos, considerados como tais, que resolvem suas controvérsias pela força” (Grotius, 2004, p. 71). Também podemos buscar um pouco mais de clareza na definição de Carl Von Clausewitz na obra *Da Guerra*, em que ele diz que “a guerra é um acto de violência para obrigar o adversário a cumprir a nossa vontade” (Clausewitz, 1972, p. 51). No dicionário *Michaelis*, guerra aparece como sendo uma luta armada entre nações, por motivos territoriais, econômicos ou ideológicos. Também é um conflito armado pelo controle político entre diferentes grupos dentro da mesma nação, a chamada guerra civil.

Conflito: No *Dicionário de Política* de Noberto Bobbio, conflito é definido como uma forma de interação entre indivíduos, grupos, organizações e coletividades que implica choques para o acesso e a distribuição de recursos escassos. Dessa forma, pode-se entender que qualquer grupo social, qualquer sociedade histórica pode ser definida em qualquer momento de acordo com as formas de conflito e cooperação entre os diversos atores que nela surgem. Assim, a violência, ou a guerra, não são necessariamente a única maneira de se resolver um conflito. Caso seja usada a violência como resolução do mesmo, este se torna um conflito armado.

Em publicação do Centro de Estudos Estratégicos de África, Rigobert Minani Bihuzo explica que os conflitos africanos “persistem devido a um conjunto de fatores complexo, feito de políticas regionais, interesses financeiros, divisões étnicas e poderes fracos e ilegítimos” (Bihuzo, 2012, p. 1). O autor ainda explica que os próprios estados fazem uso de milícias como uma forma de gerir a segurança interna e coordenar conflitos. Além disso, apesar da tática de usar milícias se destinar a prevenir e proteger o estado de ameaças à segurança nacional, esta é uma estratégia arriscada que geralmente precipita crises mais graves.

No fim das contas, a maioria dos patrocinadores perde o controle sobre tais agentes, os quais são grupos que mudam de planos com frequência e acabam por desenvolver planos próprios, chegando a ameaçar por vezes os precisos interesses que era suposto defenderem. (BIHUZO, 2012, p. 6).

Dessa forma entendemos que o próprio Estado e a falta de organização e poder em gerir crises se torna o precursor de conflitos, causando uma conseqüente guerra. Dessa fragilidade nascem as guerrilhas e milícias.

Guerrilhas: No *Dicionário de Política*, Norberto Bobbio define guerrilha como sendo uma técnica militar voltada para luta armada revolucionária, cujo objetivo é a conquista do poder político.

Historicamente, a guerra de guerrilha foi sempre adotada como tática defensiva, particularmente eficaz contra um adversário munido de meios e forças mais poderosas, fosse ele um invasor estrangeiro, fosse o próprio poder central (revoltas endêmicas de camponeses, fenômenos de banditismo, guerras de libertação, guerras anticoloniais, etc). (Bobbio, 1998, p. 152)

Milícias: Bobbio (1998) explica que milícia organiza-se em soldados. O termo vem de uma tradição militar portuguesa de tratar como milícias as tropas de segunda linha. O Exército regular era considerado a tropa de primeira linha. Tudo aquilo que fosse reserva auxiliar do Exército era milícia. Historicamente, milícia é o termo utilizado para designar a Polícia Militar já que a corporação durante muito tempo foi reserva do

Exército. Hoje, genericamente, ele é definido para identificar grupos paramilitares, que podem ser compostos por civis mantidos pelo Estado ou organizados em caráter privado.

Em alguns casos, portanto, milícias podem se organizar em táticas de guerrilhas, estando uma atrelada a outra.

Em *História das Guerras*, Demétrio Magnoli conta que “o preâmbulo da carta da ONU, adotada em 26 de junho de 1945, começa assim ‘nós, os povos das nações unidas, determinados a libertar as gerações futuras do flagelo da guerra queremos um fim para início de todas as guerras.’ No entreguerras, essas esperanças chegaram a tecer um tratado destinado a colocar a guerra fora da lei. Gerando uma cultura de ‘guerra para acabar com todas as guerras’” (Magnoli, 2003, p. 25).

Magnoli (2003) ainda explica que embora não seja, é claro, uma ideia exclusivamente americana, nenhuma nação adotou-a com a persistência e a continuidade dos EUA. Por isso, as intervenções americanas no contexto das guerras africanas são tão incisivas.

4.3 O livro-reportagem

Em geral as grandes reportagens fascina por fazer-nos mergulhar em um universo até então desconhecido. Jornalisticamente, seguindo o conceito descrito por Edvaldo Pereira Lima na obra *Páginas Ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, “o livro-reportagem procede, apesar de matizes particulares, essencialmente, do jornalismo como um todo” (Lima, 2009, p. 10).

Assim, em um livro-reportagem falamos sobre temas atuais, pois o jornalismo, “como segmento da comunicação de massa, exerce a função aparente de informar, explicar e orientar” (Lima, 2009, p. 11). Contudo, um livro-reportagem caracteriza, mais do que a notificação de um fato, um contar de histórias.

O pesquisador dos gêneros jornalísticos brasileiros José Marques de Melo, em *A opinião no jornalismo brasileiro*, deixa clara a diferença entre notícia e reportagem. Para ele, notícia é “o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social”. E a reportagem “é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo

social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística” (MELO, 1985 *apud* LIMA, 2009, p. 23).

Seguindo os itens identificados por Edvaldo Pereira Lima na mesma obra, fica claro que a pluralidade de vozes que contam uma determinada história são fundamentais na construção de um livro-reportagem. Dessa maneira, como ele mesmo coloca na obra, essa pluriidade transforma a reportagem em um instrumento de expansão.

Assim se estabelece um jogo contínuo de ação e reação muito importante principalmente quando se trata de assuntos ainda poucos explorados pelos meios de comunicação, como é o caso do tema de conflitos africanos.

Ainda na obra *Páginas ampliadas*, Edvaldo Pereira Lima explica que, apesar do caráter diferenciado da rotina costumeira da produção diária de notícias, o livro-reportagem é um eficiente instrumento de comunicação de massa. Citando Cremilda Medina, entende-se que esse efeito é gerado por um olhar sobre o problema geral. “Informação jornalística como produto de comunicação de massa, comunicação de massa como indústria cultural e indústria cultural como fenômeno da sociedade urbana e industrializada” (MEDINA, 1978, *apud* LIMA, 2009, p. 11).

A escolha de um livro-reportagem, assim, se faz coerente do ponto de vista de difusão de informações tão ricas, com possibilidade de atingir um grande número de pessoas, ainda que a quantidade de livros distribuídos no Brasil tenha uma média pequena. Segundo a Associação Brasileira de Difusão do livro, a tiragem de livros no país está em uma média de 3 mil exemplares.

Não é tarefa fácil atrair leitores para uma realidade distante. No livro *Teorias da Comunicação de Massa*, os autores Melvin L. DeFleur e Sandra Ball-Rokeach explicam que muito do aspecto de difusão da notícia está no interesse de cada leitor. Através do que chamam de “Princípio de atenção seletiva”, eles explicam que nem sempre a notícia alcança o interlocutor da forma desejada. De toda maneira, ainda que fatores individuais (se os leitores gostam ou não do tema, por exemplo) façam com que o leitor se desvie da notícia e busque temas de seu interesse, a influência social é muito forte. “Modelos de amizade podem ser influências poderosas para dirigir ou até redirecionar a leitura, ao que assistem ou o que ouvem das pessoas. Relações sociais podem até fazer voltar a atenção para veículos de que o indivíduo não gosta” (DeFleur; Ball-Rokeach, 1993, p. 216).

A conotação social do conteúdo do livro-reportagem passa a ser interessante a partir do momento em que o cuidado com o uso da linguagem se torna não apenas uma maneira interessante de contar histórias, como também de atrair leitores – fazendo com que o tema seja difundido, discutido, e possa até mesmo causar mudanças em comportamentos sociais.

Dessa maneira, foi feito um esforço do ponto de vista de construir uma linguagem simples, mas que envolvesse o leitor, construindo um texto fácil de ser lido, com expressões bem brasileiras ainda que falassem de um ambiente estrangeiro totalmente diferente do que estamos acostumados a ouvir. É dessa maneira que é possível atingir a aproximação de dois mundos considerados tão diferentes. No livro *A Menina Quebrada*, Eliane Brum confessa que “escrevo porque acredito no poder da narrativa da vida em transformar a própria vida. E acredito mais ainda no poder de transformá-la” (Brum, 2013, p. 18).

4.4 Linguagem

A prática levada adiante pela jornalista Eliane Brum é um dos maiores exemplos de histórias contadas de maneira leve, sem perder a informação principal, seja ela dolorosa ou chocante. Brum trabalha como poucos uma linguagem íntima ao personagem, que consegue quebrar a barreira da distância entre um personagem e o leitor e torná-los, os dois, quase confidentes.

Por meio de entrevistas é possível estabelecer uma forte relação de confiança com a fonte. O pesquisador Luiz Costa Pereira Júnior, no livro *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*, explica a importância da entrevista no processo narrativo, e que através da entrevista é possível atingir um “ângulo íntimo, ‘de dentro’ – considerada privilegiada, não necessariamente verdadeira. Não se acredita propriamente na veracidade do relato, mas não pode haver dúvidas sobre a legitimidade do interlocutor” (PEREIRA JÚNIOR, 2009, p. 8).

Através da entrevista, portanto, consegue-se estabelecer uma relação próxima entre o autor e o leitor, assim como, no processo de apuração, houve uma relação próxima entre o jornalista e o entrevistado.

Segundo Edvaldo Pereira Lima, é possível fazer um resgate das riquezas psicológicas e sociais, quando se começa a falar de algo que aconteceu, como se puxássemos da memória. Para ele, inclusive, esse método funciona muito melhor no livro-reportagem, onde temos liberdade e espaço para construir tal tipo de narrativa.

Pela reconstrução que faz o narrador, é ultrapassado o limite seco, diminuto, da informação concreta e nua e chega-se a uma dimensão superior de compreensão tanto dos atores sociais como da própria realidade maior em que se insere a situação examinada. (LIMA, 2009, p. 127)

A reconstrução do que se viveu, enquanto método utilizado para se contar uma história real, é um recurso narrativo interessante. Narração é definida por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari como

A ordenação de fatos, de natureza diversa, externos ao relator (mesmo quando o narrador é parte dos fatos, isto é, participa da ação que está sendo narrada). No texto comunicativo, os acontecimentos (desde a mais simples notícia até a grande-reportagem), situados no nível de uma sequência temporal. (SODRÉ; FERRARI, 1977, p.77).

Esses autores fazem referências a três elementos importantes da narrativa:

Situação – Trata-se das perguntas básicas jornalísticas: Onde? Como? Quando? Por quê?

Intensidade – “A ressonância emocional do acontecimento” (LIMA, 2009, p. 147)

Ambiente – A descrição do lugar, enquanto ambiente físico ou até mesmo mentais em que acontecem o fato.

Segundo Lima (2009), para que o leitor seja apresentado a tais elementos, o uso da descrição é fundamental. Assim, o leitor se envolve nas circunstâncias, tem condições de entender o que uma determinada ação pode desencadear em um determinado ambiente, criando emoção e envolvimento.

Evaldo Pereira Lima ainda acrescenta, em *Páginas ampliadas*, os diferentes estilos jornalísticos como o Jornalismo de Viagem. Segundo Lima, “toda narrativa de viagem tem um propósito, um foco. Não basta apenas contar uma viagem. Como em qualquer história de jornalismo literário, há um tema subjacente que deve ser explorado, uma questão chave a ser compreendida. O autor é o protagonista” (LIMA, 2009, p. 433).

Nesse tipo de narrativa, a experiência escrita no livro-reportagem vem de um conhecimento próprio, “que só se obtêm mediante a experiência” (LIMA, 2009, p. 434).

4.5 Fotojornalismo

“As primeiras manifestações do que viria a ser o fotojornalismo notam-se quando os primeiros entusiastas da fotografia apontaram a câmara para um acontecimento, tendo em vista fazer chegar essa imagem a um público, com intenção testemunhal” (SOUSA, 1998).

Já o fotojornalismo de conflito ganhou destaque no século XIX e início do século XX, buscando por temas preferenciais a abordagem de experiências traumáticas do ser humano, que incluem a pobreza, as injustiças políticas e sociais, as guerras, o crime, a fome, os desastres e todo tipo de sofrimento, como defendido por Sá-Carvalho e Lisovsky (2007) no estudo *Fotografia e representação do sofrimento*.

Das primeiras coberturas fotográficas às atuais imagens de guerra, paradigmas foram tomando forma para legitimar o fato representado com efeito de verdade. O período entre as duas grandes guerras mundiais consolidou e profissionalizou a atividade fotojornalística de conflitos.

Dessa maneira, “a regulamentação da fotografia como profissão ficava mais próxima à medida que as imagens ganhavam força como forma de representação e *status* de veracidade” (BONI; CÓL, 2005, p. 30).

Vista como testemunha do acontecimento ocorrido, a fotografia para Sontag (2004) “é uma forma de aprisionar a realidade, considerada recalcitrante e intratável; de fazê-la ficar quieta. Ou ainda de ampliar uma realidade que sentimos como retraída (...). Não se pode possuir a realidade, mas é possível possuir (e ser possuído por) imagens” (SONTAG, 2004, p. 157).

Assim, o fotojornalismo é visto muitas vezes como instrumento de denúncia, ou como uma maneira eficiente de mostrar, através do aprisionamento de momentos, o recorte de uma realidade distante. No entanto, o estudo sobre fotografia social realizado por Janaína Barcelos, explica a questão da influência dos interesses políticos na definição do que é notícia nas pautas dos grandes veículos internacionais. Desta forma a fotografia acaba ficando presa e dependente de outros interesses

Há que se atentar para as questões políticas e ideológicas na escolha de quais dramas serão noticiados. No caso de guerras, por exemplo, não basta por si só ser um conflito, é preciso que elas sejam vistas como excepcionais, que rompam seu círculo imediato e atraiam atenção internacional. [...] o conflito amplamente noticiado entre israelenses e palestinos joga com uma série de questões, desde a notoriedade do povo judeu e a repercussão de seu extermínio pelos nazistas, até o papel dos Estados Unidos no apoio a Israel. Por outro lado, muitas guerras cruéis, com a chacina de civis, como é o caso do Sudão, ganham pouco ou às vezes nenhum espaço na mídia. (BARCELOS, 2009 p. 44)

Para Boni e Cól na obra *A insustentável leveza do clique fotográfico*, imagens de corpos no chão mostram as consequências da guerra e não sua causa, e são as primeiras que a mídia reitera diariamente ao invés de construir um discurso que leve à reflexão.

Assim, de acordo com o olhar crítico e ético do fotojornalista, a fotografia destaca uma notícia, um fato, uma abordagem de acordo com prioridades estabelecidas pelo interesse do fotógrafo, o que é definido na composição técnica da fotografia.

A organização dos estímulos é uma das condicionantes da amplitude temporal, ou seja, do tempo durante o qual a atenção do observador é mobilizada para o foco de atenção. Só depois de atingir a saciedade perceptiva é que a atenção do sujeito vai atender a novos focos onde possa ir buscar novas informações. Estes focos secundários devem ser os restantes elementos que um fotojornalista deve procurar ordenar e hierarquizar numa fotografia para gerar um determinado sentido. (SOUSA, 2002, p. 78)

As diferentes técnicas que podem ser usadas com os últimos modelos de câmeras fotográficas ajudam a compor histórias narrativas mais subjetivas, com mais significados

e não meramente documentais. Pode-se desfocar o fundo, trazendo à tona os elementos primários, e ressaltar expressões, iluminações, gestos, acontecimentos. As fotografias, como explica Arlindo Machado, em *A fotografia sob o impacto da eletrônica*, deixaram de ser apenas registro, são formas de se contar histórias.

A fotografia antes afastada da pintura, agora se aproxima no sentido de se permitir à exploração da subjetividade de seu autor. Se a imagem interessa transmitir informação da realidade, Machado (2005) argumenta que o discurso da notícia é uma construção subordinada ao intento do emissor. O autor acrescenta ainda que a eletrônica contribui à “demolição definitiva e possivelmente irreversível do mito da objetividade fotográfica, sobre o qual se fundam as teorias ingênuas da fotografia como signo da verdade ou como reprodução do real”. (MACHADO, 2005, p. 314)

Livros de fotografias como *Gênesis*, de Sebastião Salgado, e *Before They Pass Away*, de Jimmy Nelson, registram muito bem essa dinâmica, em que fotografias muito bem trabalhadas com contraste e em cores, no caso de Jimmy Nelson, fazem com que o receptor da mensagem se envolva e imagine nas possibilidades de composição a vida dos personagens fotografados.

5. Metodologia

5.1 Do pré-projeto

5.1.1 Concepção da ideia

A ideia para este trabalho veio da necessidade de contar histórias interessantes desconhecidas. Depois de ler *O olho da rua*, de Eliane Brum, fiquei inspirada e me senti confortável em saber que é sim possível publicar grandes histórias no jornalismo e, principalmente, fazer grandes viagens. Logo em seguida, surgiu a oportunidade de fazer intercâmbio na Espanha. Em agosto de 2012, já morando na cidade de Madri, decidi fazer minha primeira viagem à África. Fui sozinha até o Marrocos e, como tinha muito tempo para viajar, decidi esticar até a Maurîtânia. Ao planejar essa viagem, cogitei

visitar o Mali, país vizinho à Mauritânia, que estava em guerra civil. Justamente por isso fui extremamente desencorajada, por amigos, internet, ONU e ONGs internacionais, a visitar o país. Já na Mauritânia, peguei informações sobre um campo de refugiados contruído para abrigar a população que fugia do Mali. No entanto, o campo ficava muito distante da cidade onde eu estava, a capital Nouakchott.

Faltava tempo e faltava dinheiro. Tive de voltar para Madri, mas fervilhavam na cabeça milhares de ideias do que poderia ser tema para o trabalho de conclusão de curso. Ao menos o lugar estava definido. Seria na África. O objetivo passou a ser encontrar um conflito interessante o suficiente e que fosse pouco falado. No contexto brasileiro, qualquer conflito africano, de fato, é pouco abordado pela imprensa. Como estava na Europa, busquei também orientação dos professores da Universidade Carlos III de Madri. O conflito instalado no Mali era noticiado pelos principais jornais espanhóis por meio das grandes agências de notícias, como Reuters, EFE e AFP.

Comecei uma extensa pesquisa sobre conflitos no continente africano. Cogitei tentar entrar no Mali, mas o conflito ainda estava muito acirrado, e as notícias de estrangeiros sequestrados eram frequentes. Não havia qualquer estabilidade. Sozinha, seria muito arriscado. Ainda contando que o deslocamento por lá estava muito difícil, além de o idioma oficial ser o francês, (que não domino tanto quanto inglês), somado às dificuldades de exercer jornalismo nessas condições, sem nenhuma experiência, além da dificuldade em si de voltar viva.

Mas não desisti de falar sobre conflito. Buscando na internet cheguei até o famoso vídeo *Kony 2012*. Conhecido como o maior viral da internet, o vídeo é um documentário de 30 minutos realizado por um cineasta americano que se empenha em divulgar o que acontece no interior de Uganda. O cineasta criou nesse mesmo ano de 2012 a ONG *Invisible Children*, com objetivo de alertar o mundo sobre a milícia ugandense liderada por Joseph Kony. A ideia era mobilizar os Estados Unidos para prender Kony.

Com base nesse documentário, fui procurar mais a respeito das crianças soldados. Com certeza seriam belas e dramáticas histórias. Exatamente o que eu procurava. Além, é claro, de ser um assunto inédito levando em conta as produções jornalísticas ocidentais.

A meta agora era falar sobre crianças sequestradas para trabalhar em conflito armado. Descobri que a maioria das crianças soldados está na África mesmo. Cogitei ir até o Myanmar, antiga Birmânia, porque lá é o país com maior número de crianças em conflito no mundo. Mas a viabilidade em relação aos preços das passagens e a vontade que ainda me contagiava de voltar à África fizeram com que eu mantivesse o projeto nesse continente.

Depois de Myanmar, o Sudão aparece no ranking das Organizações Internacionais como o país com maior número de crianças em conflito. Busquei tudo o que pude de informações sobre o Sudão. Pouquíssimo conteúdo encontrado. Perfeito. Esse seria o destino. Um país misterioso. Mesmo jornalistas europeus especializados em conflitos africanos foram barrados no país. Na literatura africana, apenas livros sobre conflitos de outros países mais “pop”, que já se tornaram filmes de Hollywood, como Libéria, Serra Leoa e Ruanda. Nada sobre Sudão.

Nos blogs e nos livros sobre viagem, fica claro o ar de mistério. Muitas pessoas barradas, e aqueles que conseguiam visitar o país conheciam apenas a capital e o norte, e logo seguiam para o Egito. Eu iria, então, para o sul.

Assisti ao filme *Darfur, deserto de sangue*, que conta a história baseada em fatos reais de um grupo de jornalistas que tenta entrar no estado de Darfur, na União Federativa do Sudão para cobrir o conflito. Interessante e inspirador. Contudo o conflito de Darfur não seria meu alvo. Há um outro estado do Sudão muito conflituoso e que recebe menos atenção internacional. O estado do Nilo Azul. Quando pesquisei sobre o conflito, as únicas últimas notícias que encontrei na época foram de que a Cruz Vermelha havia sido impedida de trabalhar no local. Excelente.

Essa região é peça chave para a separação que aconteceu no ano de 2011 entre Sudão e o novo país Sudão do Sul. Então, eu me perguntava “como vivem as vítimas desse conflito?”, “como ficaram os países depois da separação?” e principalmente “o que as pessoas que vivenciaram o conflito têm a dizer?”, “o que eles realmente passaram?”. E para contar sobre tudo isso, eu teria que ver de perto. Não apenas porque seria impossível conseguir informações tão detalhadas a milhares de quilômetros de distância, mas por um princípio que acredito ser fundamental para uma grande reportagem, cuja frase de Kapuckinski em uma entrevista para o jornal espanhol *El*

Mundo ilustra muito bem. “É um erro escrever sobre alguém com quem não se partilhou pelo menos um fragmento da vida.”

Além da curiosidade que me assolou, seria extremamente viável chegar até o Sudão se eu colocasse em prática meu primeiro plano. A ideia era comprar uma passagem de ida e volta da Espanha para o Egito (há períodos em que os voos de um país para o outro não passam de 400 reais ida e volta). Através do Egito, seguiria para o sul até chegar ao Sudão. Roteiro de mochileiro, bem mais barato, e ainda conheceria o Egito.

Mas entrar no Sudão sem visto não dá. E a embaixada sudanesa em Madri demorou meses para me entregar o visto (recebi horas antes de pegar o voo). Não poderia arriscar. Eu até poderia comprar passagem para o Egito, mas caso não conseguisse o visto para o Sudão, estaria ilhada. Foi então que parti para o plano B. Compraria passagem, bem mais cara, para a Etiópia. Seria até melhor, pois lá estão os campos de refugiados que abrigam sudaneses que conseguiram escapar do conflito. Em seguida, iria para o Sudão, e tentaria fazer o que, segundo minha pesquisa indicava, nenhum jornalista internacional havia feito até então, entrar no estado do Nilo Azul nesse contexto de guerra civil. A imprensa que cobre a região fica baseada na capital sudanesa, Cartum ou na Etiópia, em Addis Abeba.

Indo mais adiante nas pesquisas, um ex-funcionário da ONU que por acaso encontrei em Madri, antes da viagem, me afirmou que o Sudão dá subsídios para o LRA, exército de Joseph Kony. E que tanto o exército sudanês quanto as milícias sudanesas, sul-sudanesas e a milícia de Kony utilizam o mesmo método de ataque. Eles conversariam entre si. Além disso, o LRA se espalhou pelo Sudão do Sul e faria parte importante dos planos do governo de Cartum em destruir a população do Sul. Conflitos que pareciam distantes e independentes, na verdade se encontram através de um único fio condutor. Isso me fez inserir Uganda no plano de viagem.

5.1.2 Condições de pesquisa

Todas essas informações foram encontradas em relatórios disponibilizados pela ONU, Cruz Vermelha, agências de notícias pela internet, organizações humanitárias

internacionais como *Humans Right Watch*, Médicos Sem Fronteiras, Anistia Internacional, além de missões cristãs. Tudo disponibilizado na internet.

Para relatórios, dúvidas e explicações, eu ligava para essas instituições. Mas apenas os escritórios situados na Europa eram mais acessíveis. Alguns números que os sites divulgavam ou até mesmo as sedes europeias indicavam para falar diretamente com as bases na África não atendiam, caíam na caixa postal ou simplesmente não existiam.

Mandar e-mail era atitude só para desencargo de consciência, mas nunca eram respondidos. As informações são desconstruídas. Até alguns mapas na internet colocam vilarejos africanos situados em lugares errados. Alguns sequer são encontrados no *Google Maps*. Grande parte deles, na verdade.

Informações sobre mobilidade também são escassas. Difícil saber como se pode ir de uma cidade para outra. Alguns sites de viagem inclusive dão informações sobre fronteiras que já foram fechadas há anos. Não é possível saber se existem ônibus de uma cidade para outra, por exemplo. Informações sobre preços então, no máximo era possível conseguir o valor dos hotéis nas capitais. Tudo foi feito por estimativa baseado nos preços que eram possíveis encontrar em blogs de mochileiros que viajaram pelas proximidades.

Comprei um mapa do norte da África Oriental e comecei a marcar e checar os caminhos que eu deveria percorrer, onde estariam os campos de refugiados que eu deveria encontrar. Tudo estimado através das informações do site da Acnur, afinal esses campos não estão no mapa.

Com essa dificuldade, o trabalho de produção/apuração teve de ser feito em grande parte durante a própria viagem. O que se tornou o maior desafio enquanto experiência jornalística. A pauta seria apurada com precisão só quando ela acontecesse, durante a viagem.

5.2 Da viagem

Comprei a passagem de Madri para a capital da Etiópia, Addis Abeba, com ida no dia 22 de maio de 2013. A volta estava programada para o dia 18 de julho. Os motivos para essa data foram principalmente financeiros, mas também porque ainda haveria um bom tempo para me planejar. O mês de maio, junho e início de julho são

bons porque ainda não chegaram as fortes chuvas na Etiópia e no Sudão do Sul, que acontecem em meados de julho. Além disso, eu tinha um prazo para voltar para o Brasil no início de agosto.

A partir da data da compra, eu tive três meses para terminar o planejamento. Tentativas de apurações, além de buscar informações de rotina quando se viaja, como preço de hospedagens, clima, roupa, e outros fatores culturais.

Ao chegar a Addis Abeba, tentei logo encontrar as fontes que não havia conseguido por telefone. O objetivo inicial era confirmar onde estavam os campos de refugiados e como chegar até eles.

A partir daquele momento fui me deparando dia após dia com informações bem diferentes do que as que eu havia obtido na internet ou até mesmo por telefone, nos escritórios europeus.

No escritório da Acnur em Addis Abeba, descobri que alguns dos campos que eu havia listado sequer recebiam sudaneses. Que bom que chequei com eles pessoalmente antes de sair da capital. Addis Abeba não era o ponto principal só porque a passagem para lá era mais barata. Ela era a cidade “QG”. Sede da União Africana e dos escritórios das ONGs Internacionais. Além disso, se fosse preciso eu sairia de lá, iria até o Sudão e (como não se pode atravessar por terra do Sudão para o Sudão do Sul) eu voltaria para Addis Abeba para ir de ônibus até o Sudão do Sul. Afinal não encontrava informações confiáveis sobre preços de passagens aéreas.

Informações desencontradas eram muitas. Fui percebendo aos poucos que, por conta da necessidade de apuração e produção serem feitas *in loco*, eu precisaria ainda de mais tempo para fazer o trabalho que eu queria. Os campos de refugiados eram só o começo. Eram a primeira pista para que eu descobrisse realmente quais são as cidades mais afetadas. “De onde os refugiados vieram? Como chegaram até ali?”, eram minhas primeiras perguntas.

Através dessas novas informações eu ia trilhando e modificando o trabalho. Me certificava quais eram as cidades mais afetadas. Quais eram os cenários, de onde vinham as histórias que colhia. Assim, fui organizando e adaptando o roteiro da viagem. Muitos me disseram que no estado do Nilo Azul era possível encontrar crianças soldados caminhando normalmente na rua. Outros já me diziam que isso seria impossível, ao

menos que eu fosse sequestrada ou me aventurasse dentro da floresta. Essas opções ainda não eram alternativas consideráveis. Teria que descobrir por mim mesma.

Em terras sudanesas pude confirmar que não havia mesmo crianças soldados andando por aí, como é vendido muitas vezes. Na verdade, em algumas ocasiões é possível encontrá-las, geralmente em trânsito, ou nos arredores de cidades como Ad-damazin. Como fui expulsa de lá e fiquei menos do que 24 horas no local, não posso falar com propriedade.

Depois de não encontrar crianças soldados no Sudão, tinha expectativa de encontrá-las no Sudão do Sul. Os sudaneses me garantiram que ali seria possível encontrá-las. Contudo, depois de encontrar ex-crianças soldados e todas as outras testemunhas do conflito, percebi que seria até mesmo irresponsável de minha parte se eu não narrasse tudo o que vivi e principalmente tudo o que eles viveram. Afinal me dei conta de que não são apenas milícias que sequestram “criancinhas indefesas”, mas sim um sistema extremamente complexo que envolve uma série de personagens.

5.2.1 Dificuldade de locomoção

Minha mala era um mochilão com capacidade para 80 litros. Todo meu mundo ali dentro. Pouquíssima roupa. Blusas leves e um único par de sapatos extra. O que mais pesavam eram a câmera, um netbook e um *Alcorão* que ganhei de Yahya.

O fato de caminhar utilizando muletas com certeza influenciou de forma positiva. Fiz a mala extremamente leve para que eu pudesse carregar, mas mal foi necessário. Em qualquer lugar que eu chegava, recebia ajuda. Sinto que a deficiência fez a diferença no sentido de abrir as portas. Muitas vezes eu estava andando pela rua e as pessoas ofereciam ajuda, queriam saber o que eu fazia sozinha ali. Muitas, principalmente no Sudão, achavam surpreendente uma mulher de muletas independente. Uma chegou a me dizer que, se eu fosse sudanesa, eu passaria minha vida em uma cama, já que as mulheres são criadas para cuidarem da casa e do marido.

5.2.2 As entrevistas

Apesar de parecer lugar-comum, ao menos segundo minha experiência, posso afirmar que os africanos são realmente muito receptivos. Adoram falar com um estrangeiro. Não tive qualquer dificuldade para falar com eles à exceção da barreira dos idiomas.

Já nas primeiras entrevistas isso ficava evidente. Eles vinham até mim. Quando não vinham, me observavam, sorriam, cumprimentavam e ficavam envergonhados. Senti inúmeras vezes que muitos queriam conversar, mas não falávamos a mesma língua. Assim tive muitos diálogos por gestos. Nos entendíamos mesmo calados e esses momentos foram fundamentais para a construção do livro. Em uma entrevista intitulada *Eliane Brum e a arte da escuta*, a jornalista descreve a importância dos diálogos mudos.

Quando a pessoa fala, ela fala também com o seu corpo, fala com o seu olhar, fala com os seus gestos, fala com um monte de coisas. A realidade é complexa. E quando ela para de falar, ela não parou de dizer. Ela continua dizendo com o seu silêncio. Ela continua dizendo quando ela hesita. Ela continua dizendo quando ela gagueja. Ela continua dizendo quando ela não consegue falar.

Desse modo foi estabelecida, com cada personagem descrito no livro, uma forte relação de confiança. Mesmo aqueles mais tímidos, não receavam falar. Respondiam o que eu perguntava apenas, mas diretamente, sem rodeios, sem fazer feição de que não queriam.

Para conquistar essa relação de confiança, chegava sempre como uma nova amiga. Até mesmo porque não necessariamente aquela determinada pessoa poderia de fato ser uma personagem. Conversa de início verdadeiramente despreziosa, sem bloquinhos, só com muita ânsia de conhecer histórias que tanto me fascinavam. Mas logo me identificava como jornalista, explicava exatamente o que era o trabalho. E eles, ao contrário de se afastar, ficavam agradecidos porque alguém estava interessado em saber deles. Além disso, tinha muito cuidado ao mencionar palavras como “sequestro” e “morte”, e demorava a chegar no ponto em que falávamos de famílias perdidas e entes mortos. Na grande maioria das vezes, a conversa fluía tão bem que eu sequer precisava fazer tantas perguntas. Eles falavam tudo. No caso de personagens como John e

Faharein, eu precisava perguntar mais. Eles respondiam sem problemas, mas nada além, respostas curtas e firmes.

As melhores conversas eram aquelas que duravam horas e em que os próprios personagens falavam inglês. A ausência de um tradutor me deixava mais à vontade para uma conversa mais espontânea.

Os tradutores eram sempre um jovem esperto que aprendeu um pouco de inglês na escola e na vida. Ou, no caso de Atara Evelin, seu neto traduzia a conversa. E no caso de Alice Adong e Oyenga, o jornalista Claude fez a tradução. Era puramente graças à boa vontade e simpatia deles. Em troca eles conseguiam ganhar de mim pulseirinhas das cores do Brasil e algumas camisetas da seleção que levei justamente para presentear quem me ajudasse e eu não pudesse pagar. Deu muito certo.

Tudo foi gravado no meu próprio celular e anotado em um caderninho onde também colo tudo, notas fiscais, bilhetes de ônibus, recados, cartões, mensagens dos amigos que fazia por lá, um diário de bordo.

5.2.3 Fotografia

As fotografias foram um grande desafio. Fui aprendendo na prática a articular o uso da câmera, com a procura do melhor ângulo, iluminação, além de prestar atenção no diálogo em inglês, e elaborar perguntas importante.

Por isso, a maioria das fotos são retratos do personagem olhando diretamente para a câmera, pois precisavam ser posadas. As fotografias feitas em momentos mais espontâneos foram em curtos intervalos nas entrevistas em que, ao observar a luz e a composição, percebia que renderia uma ótima foto. Então, rapidamente pegava a câmera, que já ficava de antemão preparada, e conseguia fotografar um olhar mais distante, um gesto livre, sem pose.

Nos casos de Atara Eveling e Alice Adong, as fotos foram feitas dentro da cabana onde eles vivem, já no entardecer. Dessa forma foi necessário utilizar uma abertura de ISO de 6400 além de um longo tempo de exposição, 1/4 segundos. Para aproveitar a sutileza dos momentos e da iluminação eu tinha de ser precisa, segurar a câmera com muita firmeza (até para que a fotografia não saísse embaçada) e ao mesmo

tempo não perder o tom da conversa, já que algumas fotos foram feitas quando eu enxergava a oportunidade de uma bela foto, e isso frequentemente acontecia durante as conversas.

Houve outros lugares em que era proibido fotografar, como em algumas áreas dos campos de refugiados. Isso pôde ser driblado porque visitei esse mesmo campo duas vezes. Na segunda oportunidade, estava em parceria com funcionários da Cruz Vermelha americana, que faziam relatórios sobre a situação nos campos, e eles me deram permissão para fotografar. Sempre com o consentimento dos personagens. Com exceção de Oyenga, que pediu para que não tivesse o rosto fotografado, e Dib, que de nenhuma maneira poderia ser identificado.

O equipamento que utilizei foi uma 550D Canon e uma lente 18-135mm. A distância focal dessa lente foi fundamental. Era possível tanto fotografar o ambiente como um todo, e que rodeava o personagem, quanto fazer um close em seu rosto e registrar bem seus traços e expressões.

Desde o início da viagem a fotografia foi colocada como parte essencial do trabalho. Ela é a grande ferramenta para mostrar ao leitor quem realmente compõe essas histórias, os verdadeiros autores. Por mais que, através do texto, eu descreva as expressões, os traços do rosto e o olhar de cada um, apenas a fotografia pode representar com clareza o que quero dizer. Afinal, o objetivo não é tão somente fazer o leitor imaginar. Em se tratando de histórias reais, é importante que fique claro quem são essas pessoas. Imagens fortes que apenas o instante fotográfico conseguirão imortalizar, de acordo com a especificidade do momento em que estive lá. Ou seja, é o retrato do que encontrei, de uma experiência particular em circunstâncias particulares. Como disse Sebastião Salgado em uma entrevista para o jornal *O Estado de São Paulo*,

Uma formiguinha, quando está andando e encontra uma pedra, contorna a pedra. Quando você adiciona o que ela andou, vai chegar a quilômetros para o que seria, em linha reta, talvez 200 metros. Mas esse é o tempo da verdade da formiga. Que ela viu, comeu, cheirou. E esse é o tempo do fotógrafo, o tempo que a vida pede para você realizar alguma coisa.

As fotografias são retratos de um tempo passado – a bagagem de histórias trazida por cada personagem, tudo que eles viveram – em encontro com o presente – o que enxerguei ali.

5.3 Dever de casa

5.3.1 Selecionar histórias

Quando se trata de escrever sobre o que vivemos temos a tendência de querer contar tudo, sem perder nenhum detalhe. A princípio pensei em tirar os momentos pessoais, nos quais eu narro minha própria experiência. Também deixaria de fora personagens como Yahya, já que eu não o via como personagem envolvido com o conflito.

Porém, depois de dois meses de viagem passando por problemas com a falta de dinheiro, o calor excessivo (no Sudão sequer se encontra cerveja), se tornava cada vez mais difícil se concentrar para escrever. Os dias eram cansativos. Acordava não mais que às 7h da manhã e passava o dia andando, entrevistando, fotografando, pensando no que fazer. O máximo que dava para planejar era de um dia para o outro. Qualquer evento, viagem ou encontro que eu tentasse marcar com antecedência mudava um dia antes de ele acontecer, por variados motivos. A cada dia encontrava novas informações, novas pessoas, descobria aonde podia ou não podia chegar.

Diante da diversidade de elementos colhidos diariamente, conseguia escrever pouca coisa. Em alguns dias mais inspirados abria o computador e escrevia sobre tudo o que vira naquele dia. Mas a maior parte do trabalho foi feita já em casa. Depois de recuperada a saúde e de ter esfriado a cabeça.

Utilizei este intervalo para ler alguns bons livros reportagens. Destaco o livro de Eliane Brum *A vida que ninguém vê*. Reunião de crônicas da jornalista, ele me inspirou quanto à linguagem. Lendo ele, me recordava da sutileza dos gestos e movimentos de cada uma das pessoas que conheci e percebia de que forma isso poderia estar inserido no texto. Eliane descreve muito bem as sensações que as pessoas passam, é detalhista nos movimentos corporais, fazendo muitas vezes uma análise quase psicológica relacionando o meio com a vida do personagem.

Outra inspiração foi o livro *Nada a invejar*, da americana Barbara Demick. Na obra, ela conta sobre a vida na Coreia do Norte através de relatos de desertores que agora vivem na Coreia do Sul. Ela deixa claro que o livro é baseado em “histórias

contadas”, deste modo ela tem liberdade para contar e descrever uma cena como se ela tivesse presenciado.

Decidi confiar nas pessoas que encontrei e inserir praticamente todas elas no livro. Cada uma tem uma singular importância. Com exceção de personagens que tiveram uma importância exclusivamente pessoal, e por isso não entram no livro, todos os que de alguma forma pudessem ajudar a contar como vivem as pessoas daquela região e de que forma elas se relacionam (ou relacionaram com o conflito) entraram no livro.

5.3.2 Confirmar os dados

Pelo compromisso com a informação e principalmente com o leitor, busquei confirmar todas as histórias que ouvi, através de informações disponibilizadas pela Anistia Internacional e Acnur. Ao menos todas aquelas que fossem possíveis de serem checadas.

No caso dos refugiados eles passam por um registro na Acnur assim que chegam ao campo. Nesse registro podem ser conferidos nome, sobrenome, de onde veio, como chegou até ali, se estava sozinho ou acompanhado.

Já os ex-meninos soldados John e Kirr têm seus registros feitos na DDR programa de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração, sul sudanesa.

Alice Adong, Oyenga e Oola foram registrados na Anistia Internacional.

Busquei encaixar todos os fatos com reportagens e relatórios anuais da ONU, Cruz Vermelha, Médicos sem Fronteiras, *Save the Children*, Anistia Internacional, *Humans Right Watch*. Essas são consideradas as organizações de maior credibilidade devido ao tempo que atuam. Há outras ONGs como a *Invisible Children* e *Angels of East Africa*, criticadas pelos especialistas em direitos humanos por trabalharem muito com publicidade americana e Hollywood.

5.3.3 Escrever

Decidi começar narrando uma história marcante. A narrativa de Pascal foi, na viagem, meu primeiro encontro com um relato dramático. Sentei para escrever e nas primeiras horas não saiu nada. Então tentei começar exatamente como conseguia puxar muitas conversas na África, falando de futebol e descrevendo como aquelas histórias, de fato, começam. Com um ambiente tranquilo e logo em seguida um ataque às aldeias, em uma tentativa de prender o leitor assim como fiquei presa à narrativa de Pascal enquanto ele me contava tudo. Depois parti para uma narração cronológica, através da qual deixo claro ao leitor as circunstâncias da viagem.

Acredito na importância de se manter a mesma relação de confiança que tive com minhas fontes, entre eu e o leitor. Optei por um retrato fiel de minha experiência, de modo que me insiro na história para contar como cheguei aos personagens, explicar dificuldades que um estrangeiro em áreas remotas da África, distantes dos olhares turísticos, alimentando a possibilidade de que este trabalho possa servir de base de pesquisa para outros projetos em lugares remotos.

É importante deixar claro que são relatos de dois meses de uma experiência particular. Uma mulher, jovem, considerada branca por eles, brasileira, deficiente física, sozinha, com pouco dinheiro em uma determinada época do ano. Qualquer alteração neste contexto poderia alterar o roteiro de toda a viagem.

O processo da escrita é mesmo doloroso, pois tentar transpor em palavras tudo aquilo que se viveu e, principalmente, que se sentiu é muito difícil. Muitas foram as vezes em que gastei um dia inteiro em um ou dois parágrafos, pensando na melhor maneira de recontar o que ouvi, saindo do lugar comum ao fazer apenas uma transcrição de entrevista, mas pensando cuidadosamente em palavras que pudessem representar sensações que cada personagem me fazia sentir.

Além dessa transposição havia também a preocupação com o idioma. Como todas as entrevistas foram feitas em inglês, o cuidado com as palavras certas em português demandou muito tempo.

Houve momentos em que a expressão em inglês soava muito forte para mim. Dessa maneira tinha a sensação de que escrever essas frases em português poderia colocar a perder a força da expressão. Como alternativa, mantive algumas dessas expressões no texto, colocando logo em seguida o significado em português. Assim,

quem entende um pouco de inglês poderá sentir um pouco do que senti. Essas frases são compostas por palavras simples e diretas no inglês, por isso não é necessário que o leitor conheça muito o idioma para que possa entender a força da expressão.

Nesse processo fui decupando as entrevistas gravadas separadas por personagens. Assim me organizava melhor. Então, seguindo a ordem cronológica, no dia em que ia escrever sobre um determinado personagem eu primeiro decupava toda a entrevista para depois escrever sobre ele, só então partia para outro capítulo.

A escolha da divisão de capítulos foi feita pensando em destacar cada personagem, deixando evidente a importância de cada um na construção da narrativa. Além disso, graças à diversidade dos dialetos africanos, os nomes das pessoas são bem fortes e diferentes dos que estamos habituados, trazendo força para o nome de cada capítulo. O mesmo acontece com o nome dos campos de refugiados e das cidades. Apenas os capítulos Network e Tracing não seguem essa linha. Porém, foram palavras muito marcantes àqueles dias. Durante as visitas aos campos ao lado de Mitiku, eram cotidianamente as palavras mais ouvidas.

Quanto ao uso da primeira e terceira pessoa, tentei separar os momentos narrativos em que eu mesma estava inserida para assumir e deixar claro que essa é minha experiência. Mas quando se trata de recontar o que ouvi, devolvo a fala para a história e, então, escrevo em terceira pessoa.

O livro-reportagem *Irã sob o chador*, de Adriana Carranca e Marcia Camargos, que conta a impressão de duas jornalistas brasileiras sobre o Irã, traz um pouco dessa estrutura. Acredito que assim é possível ser mais “fiel” no sentido de ser bem claro com o leitor, para que então ele mesmo tenha condições de interpretar os fatos.

5.3.4 Selecionar imagens

Desde o início as fotos foram colocadas como essenciais. Mesmo sabendo que em uma foto não se pode registrar todas as possíveis nuances de uma realidade, ela é um recorte do que presenciei. Não deixa de ser, portanto, uma composição dessa realidade. Elas são mais do que meramente documentais. Elas guardam olhares, sentimentos, gestos.

No tratamento das imagens escolhi utilizar o colorido. Foi a África que vi, bem colorida. Deixei as fotos bem contrastadas, reforçando a iluminação, as cores e os traços. Nas imagens de rostos em close, busquei ressaltar os traços físicos dos rostos e trabalhar com uma iluminação mais forte, através do efeito HDR no photoshop.

Busquei também preservar os personagens que não podiam ser fotografados. Oyenga pediu para que não tivesse seu rosto estampado nas fotos, assim como Dib, que não teve sequer seu nome revelado, pois era fugitivo da polícia. Além de algumas áreas dos campos de refugiados que não puderam ser fotografadas a pedido da administração.

Com relação às fotos feitas na cidade de Ad-Damazin, permiti que elas continuassem no livro. São raros os registros de imagens da cidade já que a proibição de estrangeiros no lugar é muito intensa e elas não prejudicam a imagem de ninguém, pois não há nenhuma personagem em evidência a não ser os próprios absurdos do governo sudanês. Por isso, ainda que fosse proibido fotografar, escolhi desafiar a regra. Fotografar ali não significa desrespeitar a cultura local, pois a população mesmo não se importa. Significa, sim, não estar subjugado ao que considero uma regra arbitrária, para não dizer absurda, do governo.

Ao observar todo o material fotográfico colhido percebi que não tinha solução fotográfica para todas as narrativas. Isso aconteceu porque durante a viagem eu não havia decidido o formato do livro e quais histórias entrariam. O conceito que havia elaborado no início da viagem foi se transformando. Percebi que, ao contrário do que pensava, as fotos dos personagens, ainda que de extrema relevância, não compunham sozinhas a narrativa. Precisava de fotos do ambiente, do lugar em que eles moravam, das cidades, vilarejos e estradas. Busquei solução para esse impasse através da colocação dos mapas, um grande companheiro durante a viagem.

Já o trabalho de selecioná-las foi um difícil exercício de desapego. No total, são 800 fotos que contém alguma informação relevante. Desse número, consegui reduzir para 125 fotos publicáveis no livro. Esse primeiro filtro foi feito utilizando critérios como personagens relevantes, informações que continham na foto, qualidade do enquadramento, de resolução e foco.

Finalmente, com a ajuda da diagramadora e com o projeto gráfico pronto, conseguimos estabelecer o número final de 44 fotos de acordo com o posicionamento nas páginas e de que forma elas compõem a narrativa ao lado do texto.

5.3.5 Diagramar

O projeto gráfico do livro foi pensado junto a amigos que entendem de diagramação. A composição gráfica é de extrema importância para que os elementos da fotografia e do texto conversem e criem uma unidade.

Ressaltamos os espaços negativos, no sentido de criar uma leveza, essencial nos momentos de narrativa mais dura sobre momentos dramáticos, estabelecendo, inclusive, um contraste.

As fotos sangrando fazem o leitor mergulhar nelas. A escolha de retirar as margens da maioria das fotos é justamente para criar um envolvimento, de modo que o leitor sinta que está vendo muito mais do que uma foto. Pessoalmente, sinto que as margens causam uma sensação de limite. Como elas também são complemento do texto, optamos por colocá-las ao lado do mesmo, para não parecer que são elementos distantes.

A escolha do formato horizontal foi uma bela solução que encontramos para que o leitor não precisasse ficar girando o livro quando fosse olhar uma foto na horizontal.

A posição em que cada foto foi colocada no decorrer do livro também foi muito pensada e discutida. Escolhi manter o capítulo “Pascal” como uma introdução, um jeito de dizer o que está por vir. Logo em seguida vem a surpresa de encontrar Pascal, por isso sua foto veio no fim do outro capítulo. Dessa forma foi feito um jogo “texto-imagem” para que cada um ganhe o devido espaço e impacto no momento certo.

Quanto às legendas, todas as informações importantes estão no decorrer do texto, por isso elas servem para que o leitor não confunda os personagens, já que diferentes pessoas compõem um mesmo capítulo. Por isso as legendas são simples e diretas.

6. Considerações finais

A experiência dessa viagem não foi apenas jornalística. É algo que mudou quem sou. “A Jéssica antes e depois da África.” O fato de eu ter feito uma viagem sozinha mostrou que na verdade não estamos sozinhos nunca. Me mostrou quão grandes são as histórias humanas e para mim, que acredito em algo maior que chamamos de Deus, mostrou que ele existe. Aprendi a ser humilde no sentido de que não posso controlar sequer um roteiro de viagem, e que quando ele saía do controle é que chegavam as melhores experiências.

Profissionalmente, o resultado físico do livro talvez não consiga representar o quanto cresci. Fui aprendendo na prática a entrevistar e apurar. Passei por desafios éticos, como posso ou não posso fotografar essa criança? Aprendi principalmente com os erros que percebi ter cometido só depois que voltei de viagem. Às vezes até lamentava coisas do tipo “por que não fiz aquela pergunta? Por que não fiz aquela foto? Por que não tentei visitar aquela cidade?”. Gostaria de viver novamente uma experiência parecida e fazer um comparativo. Acredito que o próximo trabalho sairá incrivelmente melhor, já que não pretendo perder a paixão pelas histórias fabricadas em lugares remotos.

Aprendi que sem leitura é de fato impossível escrever, e que transformar sentimentos em palavras é muito mais difícil do que andar à noite no Sudão do Sul. Mas não há dinheiro que pague o prazer de andar à noite no Sudão do Sul, pegar malária e ainda voltar (viva) para contar. Acho que estou mesmo na profissão certa.

Fiz o máximo para descrever e contar tudo o que vi e vivi nessa viagem, mas sei que, infelizmente, ainda falta muito para transmitir o que significa ser um refugiado, uma vítima de conflito étnico, uma criança soldado. O livro é apenas uma das maneiras por meio das quais essas histórias podem ser contadas. Gostaria de ver mais delas espalhadas, satisfazendo o desejo do refugiado Al-Bashi, que me pediu para que contasse para meu mundo que eles estão lá. Gostaria que tão valiosas vidas não ficassem presas a números escondidos nas mais obscuras abas do site da Acnur.

Quanto à África, quase não tenho palavras. Lamento pelos turistas que se hospedam em resorts, almoçam usando talheres, fazem um safári, e voltam para casa.

Eles não conhecem o melhor. O mais gostoso está em cada africano, na gíngua, no sotaque, nas histórias de vida, nas cores, na receptividade, e até nos momentos chatos em que temos que ficar falando de Ronaldinho. O mais gostoso está em comer com a mão, andar de rickshaw, conversar só usando gestos e ver alegria e sorrisos mesmo sob condições tão dolorosas. Para eles não é dor, é simplesmente o jeito da vida. Quem conhece essa África terá sempre vontade de voltar.

7. Referências bibliográficas

Belo, Eduardo. **Livro-Reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

Bobbio, Noberto. **Dicionário de Política**. Universidade de Brasília, 1998.

Brum, Eliane. **A menina Quebrada**. São Paulo: Arquipélago, 2013.

Brum, Eliane. **A vida que ninguém vê**. São Paulo: Arquipélago, 2006.

Carranca, Adriana; Camargos, Márcia. **O Irã sob o chador**: duas brasileiras no país dos aitolás. São Paulo: Globo, 2010.

Cól, Boni e. **A insustentável leveza do clique fotográfico**. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.

DeFleur, L. Melvin; Ball-Rokeach, Sandra. **Teorias de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Demick, Barbara. **Nada a invejar**: vidas comuns na Coreia do Norte. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Kourouma, Ahmadou. **Alá e as crianças soldados**. São Paulo: Latitude, 2003.

Lima, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª ed. São Paulo: Manole, 2009.

Lupton, Ellen. **Pensar com tipos**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Lupton, Ellen. **A produção de um livro independente**. São Paulo: Rosari, 2011.

Machado, Arlindo. **A fotografia sob o impacto da eletrônica**. São Paulo: Senac, 2000.

Magnoli, Demétrio. **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2003.

Nelso, Jimmy. **Before they pass away**. São Paulo: Travessa, 2013.

Sá, Carvalho; Lissovsky, Maurício. **Fotografia e a representação do sofrimento.** Intercom, 2007

Salgado, Sebastião. **Gênesis.** São Paulo: Tashen, 2013.

Timothy, Samara. **Grid: construção e desconstrução.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Zanini, Fábio. **Pé na África.** São Paulo: Publifolha, 2009.

8. Anexos

8.1 Cronogramas

Produto

Concepção da ideia primária: agosto de 2012

Definição do objeto: novembro de 2012

Pré-apuração e pesquisa: de novembro de 2012 a maio de 2013

Pré-Projeto: de janeiro de 2012 a fevereiro de 2012

Viagem: de 22 de maio de 2013 a 22 de julho de 2013

Pós-Produção

Escrever e reescrever: de outubro de 2013 a maio de 2014

Elaboração do memorial: de maio de 2014 a 08 junho de 2014

Edição das fotos: 26 de maio a 08 de junho de 2014

Planejamento Gráfico e diagramação:

8.2 Orçamento

Ligações telefônicas via skype para pré-apuração: R\$ 50

Passagem ida e volta (Madri – Addis Abeba): R\$ 1.400

Gastos totais na viagem: R\$ 4.200

Ligações telefônicas via skype durante a viagem: R\$ 100

Impressão e encardenação do memorial: R\$ 20,00

Impressão do produto: R\$ 1.312,00

Total: R\$ 7.082,00